

# O LIVRO DO VERSO VIVO



**ANTOLOGIA LUSÓFONA DE ECOPOESIA**

**ORGANIZADORES  
MAURICIO VIEIRA E THÁSSIO FERREIRA**



**OUTRAMARGEM**

Copyright ©2023 Autores

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

PRODUÇÃO EDITORIAL

Rick da Cunha

ILUSTRAÇÕES

Jé Hãmãgã

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

O livro do verso vivo / organizadores Mauricio Vieira, Thássio Ferreira. -- 1. ed. -- Cantagalo, RJ : Editora Outra Margem, 2023.

Vários autores.

ISBN 978-65-86997-33-0

1. Poesia brasileira - Coletâneas I. Vieira, Mauricio. II. Ferreira, Thássio.

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Antologia : Literatura brasileira B869.108  
Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

R. M<sup>a</sup> Zulmira Torres, 88, 102  
Cantagalo, Rio de Janeiro / RJ Brasil  
[www.editoraoutramargem.com.br](http://www.editoraoutramargem.com.br)  
[contato@editoraoutramargem.com.br](mailto:contato@editoraoutramargem.com.br)

# SUMÁRIO

Poesia ConVida - Patrícia Vieira.....	9
O Verso Vivo - Mauricio Vieira .....	19

## PRECE

Graça Graúna - Canção peregrina .....	30
Eliane Potiguara - Oração pela Libertação dos Povos Indígenas ...	33
Adriana Lisboa - morada.....	35
Maria Lúcia Dal Farra - Medindo forças.....	36
Miguel-Manso - [Um búfalo caminha para a água] .....	37
Mauricio Vieira - flor                      esta .....	38
Conceição Lima - Sóya .....	39
Ellen Lima - Ybytu .....	40
Jamille Anahata - aquarela amazônica.....	41
Patrícia Hoffmann - Alvéolos de mar .....	42
Nuno Rau - [Lembra] .....	43
Flávia Rocha - [Em meio ao nada inorgânico] .....	44
Mariana Marino - [Dizem que a floresta] .....	45
Susana Fuentes - À vida.....	46
Júlia de Carvalho Hansen - [Procuro no vento].....	48
Leonardo Fróes - A Lenda do Lago.....	49
Leonardo Fróes - Urvento.....	50
Marcos Siscar - As flores do mal.....	51

Ana Mafalda Leite - Marávia .....	52
Thássio Ferreira - névoa.....	54
Hirondina Joshua - Pleura .....	55
João de Mancelos - senhora da terra.....	56
Ana Paula Tavares - Cerimônia Secreta.....	57
Mariana Ianelli - Oração das mariposas .....	58
José Duarte - Velha alegria .....	59
Maria Esther Maciel - Manhã de dezembro .....	61

## CHAMA

Adriana Lisboa - dindi e o girassol.....	64
Miguel-Manso - [As mulheres massais].....	65
Salgado Maranhão - Poesia XXII.....	66
Mariana Ianelli - Moradora do Adro.....	67
Amanda Vital - horta.....	68
Maria Giulia Pinheiro - [Vou ao mercado hoje].....	69
Thássio Ferreira - gavião macacu .....	71
Mariana Marino - mais fácil amar um animal .....	72
João Maimona - A sorte do mar .....	73
João Maimona - As moscas do horizonte .....	74
Clarissa Macedo - Lócus .....	75
Nuno Marques - [o matalote o porco].....	76
Diana V. Almeida - Rir na rebentação.....	79
Lívia Natália - Enluarada.....	83
Luiza Nilo Nunes - Pripyat.....	85

Marize Castro - Ainda céu.....	87
Patrícia Hoffmann - Um lago para os coalas.....	88
Flávia Rocha - [O apartamento como uma fotografia].....	90
Maria Lúcia Dal Farra - Choupo.....	91
Raquel Nobre Guerra - Atravesso o dia pixel a pixel .....	92
Maurício Vieira - Fulgores.....	93
Ana Mafalda Leite - o vermelho das acácias na paisagem.....	94
Conceição Lima - Gravana.....	95
Wanda Monteiro - Discurso Sobre A Terra.....	97
Ellen Lima - Acordar .....	100
Nicolas Behr - [os fazedores de deserto].....	101
Ana Paula Tavares - O mirangolo .....	102
Abreu Paxé - [... terra manchada de sangue escuro...].....	103
Leonardo Fróes - Contemplação dos seios das beterrabas.....	104
Júlia de Carvalho Hansen - [Estou sempre à espera de ver]...	105
Ricardo Gil Soeiro - [A lua põe-se à escuta do meu pranto] ..	106
Margarida Vale de Gato - ImoMelides .....	107
Maria Esther Maciel - Conto de jardim.....	109

## ÁRVORE

Evando Nascimento - O homem-árvore.....	114
Inês Francisco Jacob - Introdução ao Pardal.....	115
Maria Lúcia Dal Farra - Árvore.....	116
Mariana Ianelli - Fundo de silêncio.....	117
Nicolas Behr - [Fazenda Amolar, Diamantino].....	118

Socorro Nunes - só.....	119
Socorro Nunes - paisagem.....	120
Amanda Vital - flor e náusea.....	121
Thássio Ferreira - [observar com cuidado].....	123
Simone de Andrade Neves - Marinha.....	124
Simone de Andrade Neves - Arnica do Campo .....	125
Marize Castro - Argêntea.....	126
Raquel Nobre Guerra - Palavras simples e o seu disfarce.....	127
Maurício Vieira - por assim dizer às cegas.....	129
Mariana Marino - quando os bichos vêm morrer.....	130
Abreu Paxe - [sinto a presença de uma bananeira ausente]....	132
Hirondina Joshua - Pleura.....	133
Marcos Siscar - Árvores não trocam de casca .....	134
Susana Fuentes - isto não é um gato.....	135
Patrícia Hoffmann - Remanejos .....	136
Nuno Rau - [As árvores não precisam inaugurar nada].....	137
Flávia Rocha - [À sombra da Terra, na escuridão] .....	138
Margarida Ferra - Nome comum: Jasmim-dos-Poetas .....	139
Maria Esther Maciel - Alcachofra .....	140
Ricardo Gil Soeiro - [O que fica deste dia que passou?] .....	141
Margarida Vale de Gato - Além_ Tejo .....	143
Adriana Lisboa - saguaro.....	144
Poetas.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
ensaio do verso vivo - Thássio Ferreira .....	169



# POESIA CONVIDA<sup>1</sup>

*Patrícia Vieira*

*Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra*

[www.patriciavieira.net](http://www.patriciavieira.net)

Uma antologia de poesia é um encontro de vozes. O livro reúne textos de poetas e estas palavras adquirem novos significados na sua interação com outros poemas, sendo que o todo se configura para além de uma soma das partes. Constitui-se uma antologia como uma congregação, uma assembleia de pessoas que se juntam com um fim comum, neste caso a divulgação dos seus poemas, disseminados precisamente através da sua junção num grupo coeso, que se revela ao mundo de mãos dadas, unido pela afinidade das suas falas sintonizadas, apesar das diferenças, em torno de um timbre partilhado. Em *O Livro do Verso Vivo*, esta comunhão passa, num primeiro momento, pela língua adotada, já que se trata de um grupo de autoras/es que escrevem primordialmente em português, embora muitas/os introduzindo aqui e ali palavras indígenas e africanas, que remetem para a história palimpséstica da lusofonia e para a supressão muitas vezes violenta de outros idiomas que continuam ainda assim a irromper em

---

<sup>1</sup> Este texto foi escrito no contexto do projeto ECO, financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) como parte do programa de investigação e inovação Horizonte 2020 (bolsa nr. 101002359). Para mais informações, consultar: [eco.ces.uc.pt](http://eco.ces.uc.pt)



discursos lusófonos. Mas a participação antológica implica aqui não só a partilha de um idioma, mas também a convergência em torno do tema que estrutura a coleção. É neste ponto que esta antologia se distingue de inúmeras outras: o fórum de línguas verbais e, por vezes, de sinais pictóricos conjuga-se nas páginas que se seguem com a presença de linguagens não humanas que pontuam o discurso poético.

Os textos desta antologia convocam um encontro mais que humano que abre o “logos” — a lógica, razão ou princípio de inteligibilidade do *Homo sapiens* — a formas vegetais, animais e outras de sentir, pensar, saber e fazer. Nestes poemas, nestas flores ou “anthos” reunidas antologicamente, encontramos a lógica vegetal e animal, uma multiplicidade de linguagens que inclui discursos humanos, mas também as falas daquelas/es seres que tradicionalmente não têm voz poética. Mas, poderíamos perguntar, será que nestes versos vivos ouvimos realmente um linguajar não humano? Não se tratará simplesmente de uma projeção, da humanidade a querer, mais uma vez, tomar o lugar dos outros, impondo-lhes pensamentos, palavras, atos e omissões aos quais plantas e animais são alheios? Dito de outro modo, não esconderão estes versos mais que humanos um insidioso antropocentrismo?

Como pode uma/um poeta saber, por exemplo, qual a metafísica de uma árvore quando, como nos ensinou Alberto Caeiro há cerca de um século, o mais

provável é que a planta seja feliz precisamente por não pensar em nada? Mas a árvore, como qualquer outro ser, ainda que desprovido de metafísica, habita um mundo, onde também vivem múltiplas outras formas de existência. E se considerássemos que pensar consiste simplesmente na consequência do estar no mundo, na expressão dos incontáveis intercâmbios entre entidades que fazem de cada ser aquilo que ela é, e que, portanto, invertendo o famoso *dictum* cartesiano: “existio, logo penso”? Neste caso, *pace* Caeiro, uma planta ou um animal, enquanto existentes, pensam e têm as suas formas próprias de articulação num pluriverso que se constitui como a conjugação sinfónica destas maneiras distintas de estar. O intercâmbio na ágora mais que humana da antologia do verso vivo torna-se possível devido a esta transversalidade do pensamento e da expressão que extravasa os limites da humanidade e se estende a todas e a tudo.

O conjunto de poemas aqui apresentado é apelidado de “ecopoesia.” Como entender esta designação? O termo é bastante recente e não existe um consenso sobre como o definir, nem mesmo sobre se “ecopoesia” seria a melhor forma de nos referirmos a textos que versam sobre o mundo natural. O crítico literário norte-americano Scott Bryson, autor do livro *Ecopoetry: A Critical Introduction*, entende ecopoesia como “um subgénero da poesia sobre a natureza [...] que aborda

problemas e temas claramente contemporâneos” (2002, 5)<sup>2</sup> e considera que esta produção poética apresenta três características principais: “uma perspectiva ecológica e biocêntrica que reconhece a existência independente do mundo; uma profunda humildade no que diz respeito às nossas relações com a natureza humana e não humana; e um intenso ceticismo no que se refere à hiper-racionalidade” (2005, 2). Esta última característica estaria aliada a uma consciência do perigo iminente de catástrofe ecológica que seria uma marca distintiva da ecopoesia. Outras/os ensaístas, como David Gilcrest, preferem a expressão “poesia ambiental” para se referirem a textos que se distinguem da poesia tradicional sobre a natureza ao enfatizarem que “todos os seres, incluindo os seres humanos, existem numa relação complexa com o seu meio e estão implicados em processos físicos e fisiológicos abrangentes” (2002, 3). Tal como Bryson, Gilcrest identifica a tematização da degradação ambiental e de crises ecológicas como a principal inovação da poesia ambiental das últimas décadas (2002, 4; 21).

Para além de versar sobre o mundo natural, um tópico que remonta, pelo menos, à época do Romantismo, a ecopoesia revela uma consciência de que todos os seres se encontram unidos por laços cuja complexidade constitui o meio ambiente ou, se quisermos, o sistema bio-físico que

---

<sup>2</sup> Todas as traduções de textos originalmente numa língua que não o português foram feitas pela autora. Os números de página referem-se ao original.

James Lovelock e Lynn Margulis designaram por Gaia ainda nos anos setenta do século passado. Longe de encarnarem o pináculo da Criação como mestres e senhores do universo, numa conceção do mundo postulada pela *scala naturae* (escada da natureza) medieval, segundo a qual a natureza era entendida como uma pirâmide com deus no topo, seguido por anjos, homens, animais, plantas, e assim sucessivamente, até se chegar à chamada matéria inorgânica, os seres humanos são vistos ecopoeticamente como entidades completamente dependentes dos outros seres vivos e não vivos, que determinam todos os aspetos das suas vidas.

A rápida destruição de vastas áreas do mundo natural, do desflorestamento da Amazónia brasileira à extinção de inúmeras espécies nos países africanos de língua portuguesa, passando pela sobrepesca em muitas zonas do litoral português, para mencionar apenas alguns exemplos, tornou as/os escritoras/es cada vez mais cientes do elo entre a deterioração da vida no planeta e o empobrecimento do pensamento, da cultura e das artes humanas. Como afirma Nicolas Behr neste livro, “os fazedores de desertos / se aproximam” e cabe à ecopoesia refletir sobre a crise ecológica, que se tem vindo a acentuar nas últimas décadas. Esta é assim uma antologia sobre o Antropoceno, a presente época geológica marcada pelo impacto das atividades humanas na terra.<sup>3</sup> Mas os versos

---

<sup>3</sup> Segundo várias investigadoras/es de estratigrafia, o planeta encontra-se agora na era geológica do Antropoceno, marcada pelo impacto que os seres

ecopoéticos aqui reunidos revelam igualmente relações não extrativistas e não hierárquicas entre seres humanos e não humanos, resultantes da convicção de que só a colaboração—literalmente, o trabalho em conjunto, mas também o ócio e o lazer partilhados—entre todas as entidades que coexistem na terra tornará possível um porvir que não se limite a reiterar o antropocentrismo do passado, com as suas consequências devastadoras para o planeta.

A ecopoética da presente antologia traduz-se em versos com vida que enunciam as vivências de uma variedade de seres nas suas mais diversas formas de expressão. Neste sentido, ecopoesia pode ser entendida como uma práxis poética marcada pelos ecos de plantas, animais e outros existentes que se inscrevem nestas obras, transformando-as pela sua presença. A ecopoesia configura assim tanto a textualidade de e sobre o “oikos,”

---

*humanos têm no espaço terrestre. Não há consenso sobre a data em que teria começado o Antropoceno. Algumas/uns investigadoras/es apontam para datas longínquas, como o início da prática de agricultura de forma sistemática por muitas civilizações há aproximadamente 10-12,000 anos; o início da colonização europeia de vastas áreas do mundo, com as mudanças biológicas e, conseqüentemente, geológicas que daí resultaram (dizimação de populações indígenas, introdução de novas espécies nos territórios colonizados, como a América, e assim por diante); outras/os investigadoras/os apontam datas mais próximas de nós para o início do Antropoceno, tais como o início da Revolução Industrial no final do século dezoito, que trouxe consigo o uso cada vez mais disseminado de combustíveis fósseis; ou o início da era nuclear com a detonação de bombas atômicas no Japão no final da Segunda Guerra Mundial; ou ainda o início da era digital por volta dos anos 90 do século passado.*

a casa planetária que os humanos partilham com todos os outros seres, como os escritos dos habitantes desta morada comum. Mas como se articula a vida, como se articulam os ecos de linguagens não-humanas em poemas? Os seres mais que humanos inscrevem-se neste livro não só como tópicos aglutinadores dos textos, mas também como participantes no processo de criação. Plantas e animais trazem as suas experiências para a poesia, tornando-se co-autores destes versos, que têm a sua origem na alteridade inumana que reside no âmago da humanidade. Como afirma Clarissa Macedo num dos poemas deste conjunto, a “lírca vem das sequoias,” mas também vem dos jacarés, dos fungos, das onças, das formigas, das orquídeas, dos líquenes, das águas e de tantas outras entidades que passam por estas páginas e nelas imprimem o seu cunho particular. Esta antologia convida, assim, ao contacto e ao intercâmbio de ideias e saberes com essas outras vidas mais que humanas que são parte integrante destes poemas.

O livro recorda-nos o passado imemorial do *Homo sapiens*, a nossa afinidade filogenética—e “filo” nada mais é que amor—com as outras espécies nossas parentes, e permite-nos vislumbrar um futuro em que reconheceremos sem hesitar os traços vegetais e animais em nós. É neste sentido que Leonardo Fróes afirma nestas páginas: “com o animal me confundo, / já sem saber a qual dos dois / pertence a consciência de mim.” O ser humano ultrapassa nesta comunhão com o animal os estreitos

limites da sua existência e alcança uma mais profunda compreensão do mundo, que ultrapassa o intervalo de uma vida, raiando, para Fróes, a intemporalidade: “qualquer coisa maior se estabelece / nesta ausência de distinção entre nós: / a glória, a beleza, o alívio, coesão impessoal da matéria, a eternidade.” Outras/os autores apontam igualmente para a fronteira porosa entre a humanidade e outros seres através do tropo da metamorfose, presente em mitos e lendas na maioria das culturas humanas. Em “o Homem-Árvore,” Evando Nascimento refere que “[a]os poucos estava virando planta” e reflete sobre as transformações corpóreas, assim como sobre as novas possibilidades sensoriais que tal mutação acarreta. Já Júlia de Carvalho Hansen menciona que “[d]ia desses / ganharei outra velocidade. / Serei planta,” apontando para as diferentes formas de viver o tempo que separam os seres vegetais dos humanos, e que levaram durante séculos a uma menorização das plantas, vistas como entidades passivas, no limiar da vida e da morte. Carvalho Hansen, tal como Nascimento, salienta as vantagens do tornar-se planta, que se traduzem por uma percepção mais abrangente da temporalidade e por um contacto íntimo com a água, potenciando assim a metamorfose em vegetal uma receptividade do ser humano a outras experiência e modos de estar no mundo.

Esta antologia como encontro de vozes é uma congregação que, à semelhança do catolicismo, se desdobra numa trindade: Prece, Chama e Árvore, as três

seções do livro. Os textos evocam a religião no seu sentido profundo de re-ligação dos humanos, não com uma deidade transcendente e meta-física, mas sim com a concretude do aqui e do agora que inclui plantas, animais e outros seres em comunhão connosco e em nós. As preces que nos chamam nestes poemas inspiram um sentimento de reverência e respeito pelas árvores, mas também pelas flores, ervas e todos os bichos que convidam neste espaço de papel à fabulação de um imaginário mais que humano.

### **Obras Citadas**

Bryson, J. Scott. *Ecopoetry: A Critical Introduction*. Salt Lake City: The University of Utah Press, 2002.

---. *The West Side of Any Mountain: Place, Space and Ecopoetry*. Iowa City: University of Iowa Press, 2005.

Gilcrest, David. *Greening of the Lyre: Environmental Poetics and Ethics*. Reno e Las Vegas: University of Nevada Press, 2002.